

RAFAEL GROHMANN: TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA É UMA DAS CHAVES PARA PENSAR A REDE GLOBAL DE PRODUÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

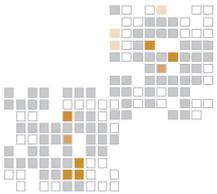
Ana Flávia Marques da Silva

■ Doutoranda e mestre do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA/USP. É também jornalista e especialista em gestão de comunicação e marketing pela USP.

■ *Doctoranda y máster por el Programa de Postgrado en Ciencias de la Comunicación de la Facultad de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo. Investigadora del Centro de Investigación en Comunicación y Trabajo de la ECA/USP. También es periodista y se especializa en comunicación y gestión de marketing en la USP.*

■ E-mail: contatoanaflaviamarques@gmail.com

309





Rafael Grohmann

Em tempos de metamorfoses das relações de comunicação e trabalho, **Rafael Grohmann** estimula a atualização constante dos conceitos utilizados que descrevem essas transformações. A disputa léxica e de sentidos é um traço comum em suas pesquisas desde que dissertou sobre os jornalistas *freelancers* (sem direitos sociais e trabalhistas). Em suas análises, o pesquisador mescla sociologia, comunicação e geografia e suas pesquisas atuais buscam refletir sobre a cadeia de produção de valor da Inteligência Artificial. Ao participar de redes de pesquisas em diferentes lugares do mundo, o professor assistente da University of Toronto tem se dedicado a compreender o chão de fábrica da inteligência artificial e os trabalhadores de dados dentro do cenário

de dependência política e econômica da América Latina. Durante o diálogo, o pesquisador anunciou lançamentos de livros, artigos, participação em congressos para debater a rede de produção de IA.

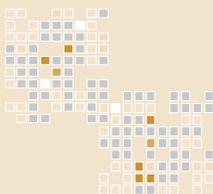
A entrevista mostra este dinamismo das pesquisas e do próprio Grohmann que atua em várias posições na arena da averiguação científica ao combinar metodologias, objetivos e redes específicas em torno de temas, problemas e reflexões característicos do nosso tempo.

Essa conversa também é um convite para compreender a realidade e seus fenômenos através da perspectiva do binômio comunicação e do trabalho.

Como sei que a sua trajetória é longa, embora você seja jovem, peço que se apresente, através das suas principais pesquisas, para os leitores da revista da ALAIC.

Eu poderia me apresentar como a minha formação inicial de sociólogo que sou e sempre me considerei como um pesquisador em comunicação. E é ainda nesse lugar que eu falo, mas depois de muitos anos, talvez um pouco mais restrito a uma lógica de disciplina ou mesmo de campo, eu tenho aproveitado o ambiente institucional onde estou atualmente e realmente tentado praticar a interdisciplinaridade de maneira que hoje em dia as minhas pesquisas transitam muito mais entre comunicação, sociologia e, ultimamente geografia também porque um dos projetos que estou fazendo tem como conceito central a geografia. É claro que esse olhar comunicacional também está presente, mas eu me considero neste momento como alguém que esteja transitando mais do que já estive no passado.

Sou um pesquisador interessado em questões de trabalho e tecnologia. Há um elemento unificador das minhas pesquisas nos últimos 15 anos que é a perspectiva a partir da luta de classes e da classe trabalhadora para mudanças, envolvendo reestruturações produtivas, que está presente em minhas pesquisas. Já as mudanças tecnológicas estão presentes nas minhas pesquisas dos últimos cinco, seis anos. As pesquisas focaram muito no processo de humanização do trabalho e não como algo novo, mas como uma síntese de processos históricos e de processos outros, como a datificação, financeirização, fenômenos que foram manifestados nas nossas pesquisas empíricas. As primeiras pesquisas foram sobre jornalistas *freelancers* e a dimensão das finanças apareceu.



Essa pesquisa foi a sua dissertação de mestrado, não é mesmo? Fale um pouco mais sobre ela.

Naquela época, em 2010 e 2011, os jornalistas que não se consideravam exatamente trabalhadores estavam ainda mais presos a uma racionalidade empreendedora, mas tentando se virar com o *freela fixo*. Considerados quase como algo fora do padrão, eles foram se tornando, a partir do pensamento da reforma trabalhista¹, a figura do profissional PJ (pessoa jurídica) como uma questão central. As pesquisas científicas passaram por este discurso do empreendedorismo no trabalho de jornalistas e pelo papel da comunicação na luta de classes e especialmente na circulação da luta de classes e, portanto, de conceitos como circulação e mediação. É nesse momento que eu começo a estudar mais fortemente as questões entre trabalho e tecnologia. Naquele momento, sob a alcunha de *trabalho digital*, sabemos que nenhum trabalho é exatamente digital, mas que é um campo de estudo. Foi nesse momento que eu comecei a estudar também as cooperativas de jornalistas.

Este é o tema que tem lhe mobilizado na pesquisa atualmente?

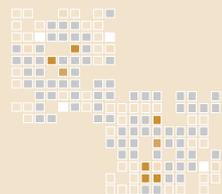
As pesquisas sobre as cooperativas jornalistas inauguram uma série de pesquisas que fazemos sobre cooperativismo, desde então. Pessoalmente (e mais recentemente), temos pesquisado as cooperativas nos setores de entrega e de tecnologia, com olhar muito forte para a América Latina, a partir do que já chamamos de *cooperativismo de plataforma*, mas que recentemente temos nomeado como um duplo movimento de *economia solidária digital* e de *economia digital solidária* com uma perspectiva latino-americana.

Fizemos pesquisas que redundou no *Observatório do Cooperativismo de Plataforma*, uma pesquisa-ação com cooperativas na América Latina que temos liderado por dois anos junto com outros pesquisadores e a equipe brasileira do *Projeto Fairwork*, que luta por um trabalho decente na economia de plataformas. Agora, eu estou com uma pesquisa sobre plataformas governadas por pessoas trabalhadoras, que é interseccionalidade, uma pesquisa ação com organizações de liderados por trabalhadores no Brasil, na Argentina, no setor de entrega e de tecnologia.

Atualmente, além das pesquisas acima, estou começando uma pesquisa que conta com 12 países sobre as redes globais de produção de Inteligência Artificial. Também, o meu departamento (na University of Toronto) acabou de ganhar um novo financiamento, no qual estou como vice-coordenador sobre a inteligência artificial e os trabalhadores da cultura. Recentemente, fiz uma pesquisa com os roteiristas de Hollywood sobre a governança de Inteligência Artificial a partir da classe trabalhadora.

Você pode falar um pouco mais sobre este deslocamento da pesquisa dos jornalistas freelancers para o campo da Inteligência Artificial? O que há de mais comum nesse trânsito e o porquê deste movimento de pesquisa?

Olha, eu não tenho um planejamento a longo prazo do que eu vou pesquisar depois. Eu acho que é a vida concreta, material, o movimento da vida, que é que acaba apresentando pesquisas para mim. Eu nunca imaginei pesquisar cooperativas, entregadores, mas, por exemplo, quando estamos coordenando um mestrado profissional com a linha de jornalismo e trabalho, o mestrado profissional tem uma missão de não só refletir criticamente sobre a realidade, mas de propor soluções. E nesse momento estávamos no Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho numa pesquisa sobre arranjos alternativos e os conglomerados de mídia, guerras ou alternativas no trabalho de jornalistas. E, para mim, estudar as



¹ Lei nº 13.467, de 13 de Julho de 2017, no Governo de Michel Temer no Brasil

cooperativas de jornalistas foi uma maneira de responder, e dialogar com esses dois fatores. Então, não foi uma coisa que eu tenha planejado. As coisas vão aparecendo na vida. É interessante que agora eu estou voltando a estudar trabalhadores da cultura, não exatamente jornalistas.

Eu diria que não tem um porquê desse movimento. Atualmente, se tem um impacto forte da Inteligência Artificial no ambiente de trabalho, assim como do ponto de vista da comunicação. Neste trajeto das pesquisas, temos problemas, por exemplo, em definir o que é Inteligência Artificial, porque talvez artificial não é um conceito. É um guarda-chuva que, na verdade, não significa nada. Este tipo de reflexão perpassa minhas pesquisas em todos os âmbitos, que é um questionamento dos nomes e o sentido epistemológico destes nomes que usamos para nomear as coisas.

A discussão que você faz sobre engajamento é um exemplo deste exercício teórico?

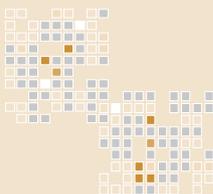
Sim. Este tipo de reflexão está em textos meus sobre a noção de engajamento e como isso acontece em contextos de mídias sociais, mas também quando propomos a discussão sobre a noção *gig economy* como algo que não serve a nossa realidade, porque a maior parte do mundo vive a economia e, historicamente é uma economia marcada pelas pessoas trabalhadoras vivendo de *gig economy* historicamente. Atualmente, com o debate acerca da noção de Inteligência Artificial e ou de trabalhos que discutimos como as empresas tentam escamotear os sentidos do que elas chamam de inovação; enfim, estas disputas discursivas e epistemológicas sempre me interessaram e são traços comuns nas minhas pesquisas.

Quais são as principais profissões deste chão de fábrica presentes na América Latina?

A expressão chão de fábrica da IA é mais uma provocação. Na minha pesquisa, quando eu a utilizo, eu estou interessado estritamente em um tipo de trabalhadores que foi chamado no passado de micro trabalhador e também fizemos uma reflexão coletiva de como esse nome não ajuda a pensar o trabalho vivo, porque nenhuma atividade de trabalho é exatamente micro. Atualmente, usamos a palavra em inglês *datawork* ou *dataworkers*, ou seja, trabalho de dados e trabalhadores de dados. Esses trabalhadores são pessoas que dão *inputs* em relação à inteligência artificial. Eu não gosto de falar que é um trabalho escondido ou um trabalho fantasma, como muitas vezes é usado literatura, porque isso acaba sendo uma visão que não ajuda e não parte da perspectiva dos trabalhadores. Às vezes, é uma noção que também vem de uma visão um pouco eurocêntrica, visto que a maior parte destes trabalhadores está no Sul Global ou no que chamamos de mundo majoritário - que eu até prefiro. São trabalhadores de dados que alimentam, treinam, dão inputs, anotam dados, moderam conteúdo e *tagueiam* coisas, transcrevem, traduzem materiais, imagens, textos, vídeos; são pessoas que verificam dados ou vão adicionar dados a uma questão, a uma atividade.

Quais são as atividades, quando olhamos para a cadeia de produção dos dados, que envolvem estes trabalhadores?

Este é um tema da minha próxima pesquisa que começa em novembro (de 2024), na qual usamos este conceito da geografia de cadeia de produção, de redes globais de produção de Inteligência Artificial nesse quadro de atividades fica muito mais complexo. Por exemplo, quando você pega a Byte Dance que é a empresa dona do *Tik Tok* e contrata uma agência do Paquistão para terceirizar transcrição de vídeos para línguas que não sejam inglês em outros países e, para isso, subcontrata trabalhadores do Brasil e uma agência brasileira para isso, começamos a desenhar o que seria essa rede global de produção e começamos a ver outras atividades que não é exatamente o que temos chamado de trabalhadores de dados.



As pesquisas estão começando a mapear as profissões relacionadas a esta cadeia e mostrando que, entre as empresas líderes de Inteligência Artificial e os trabalhadores de dados – que ficam na ponta deste processo –, existe uma miríade de intermediários e atividades.

Sabemos que o modo como a cadeia ou a rede global de produção é montada, mesmo antes da IA, é impossível de ser rastreada em cada etapa. Mas a alienação por parte do trabalhador se intensifica, porque o estranhamento em termos de não saber nem para qual empresa subcontratada ele está treinando aquela imagem tem levado os trabalhadores a essa alienação total, por um lado. Por outro, quando ele descobre alguma conexão com a IBM (International Business Machines Corporation) ou com outras grandes empresas de tecnologia, ele se sente orgulhoso do trabalho, como se fizesse parte de uma classe tecnológica global.

E quem são esses trabalhadores de dados?

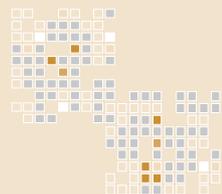
A partir do que vimos nas pesquisas realizadas no Brasil, em geral, são mulheres que lidam com a multiplicação do trabalho, com esse trabalho de dados, mais o trabalho reprodutivo e o trabalho doméstico. São pessoas que têm formação com graduação, pós-graduação, como a pesquisa que o Matheus Viana Braz aponta que, percentualmente neste perfil há mais mestres e doutores que trabalham anotando dados para a *Amazon Mechanical Turk*, *Click Workers* do que a média da população brasileira. Pessoas formadas em Engenharia, Letras, Comunicação, entre outras áreas. É preciso, inclusive, que façamos uma reflexão sobre o que isso significa para o próprio sistema universitário, por exemplo.

Estes trabalhadores de dados atuam por meio de plataformas digitais, empresas que prometem uma força de trabalho 24/7. Eu e o Matheus Vianna iniciamos há três anos um levantamento de mais de 50 plataformas que atuam com esse tipo de trabalho no Brasil, nas mais variadas formas de trabalho, de dados, de moderação, de conteúdo, treinamento de dados para guiar, passando pelas fazendas de clique etc. Isso é muito forte para um país como o Brasil e vários outros como acontece no Quênia, na Venezuela, Índia, Colômbia. Na China é muito forte o que se chama atualmente de *business process outsourcing*, empresas terceirizadas contratadas, por exemplo, pela Microsoft ou IBM para treinamento de dados para guerra. Este tipo de trabalho acontece em grandes *call centers*, em grandes galpões, como, por exemplo, na China.

Como o binômio comunicação e trabalho atravessa as profissões que você chama de chão de fábrica da IA?

De diferentes formas, se partimos da noção que a atividade de trabalho está sempre envolta em atividade de comunicação. O próprio ato de você taguear uma imagem já é uma atividade de comunicação, de trabalho. Tem um filme do Bruno Moreschi e do Gabriel Pereira *Recodig Art* (2019) que reflete como o sentido daquela obra vai ser dado por quem *taguea* as obras. Então, quem faz esta atividade atua com as suas subjetividades específicas, ou seja, tem um trabalho individual aí. O que e como você *taguearia* para IA as informações sobre o quadro da *Monalisa*? A resposta a isso, ou o modo como isso acontece, é uma atividade de comunicação e trabalho. O trabalho de dados, como qualquer atividade de trabalho, é uma atividade de comunicação e trabalho. Isso está no cerne da questão do trabalho de dados. O cientista de dados faz um trabalho de *tradução*. Isto significa que, de alguma maneira, o profissional codifica para a linguagem de máquina a partir de valores da sociedade e dos objetivos estabelecidos para ele - ou não - no sentido do “eu” codificado, não pelas máquinas. São esses pontos de vista, por exemplo, que vão voltar incrustados na Inteligência Artificial, no que se chama de injustiças algorítmicas ou injustiças de dados.

Eu faço parte há 15 anos do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, CPCT, (da ECA-USP) e



acredito que é um binômio super produtivo para pensar as mudanças no mundo do trabalho e de ressaltar esse papel da comunicação no mundo do trabalho. Por isso é importante usar a palavra comunicação porque boa parte da literatura que fala sobre o processo de trabalho dos trabalhadores de dados falam de alguma maneira de comunicação, mas sem usar a palavra comunicação.

Quando você fala de dados, qual conceituação está empregando?

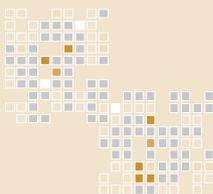
A noção de *datawork* ou *dataworkers* não é minha, é da Miceli Milagros e do Julian Posada e me parece mais interessante do que micro trabalho ou micro trabalhador, mas é uma visão muito restrita sobre o trabalho de dados. Eu tenho usado essa nomenclatura no sentido mais restrito, no sentido de trabalhadores que alimentam dados para Inteligência Artificial. É óbvio que essa nomenclatura usa o trabalho duro de dados, e, a depender das perspectivas teóricas e epistemológicas, pode ganhar outros contornos, mas esse é o modo como eu tenho utilizado.

Você tem feito releituras e certa atualização sobre teoria da dependência. Quais são as perspectivas políticas e econômicas para o chamado Sul Global?

Eu tenho começado a mapear e a retomar a teoria marxista da dependência em alguns níveis, que me ajuda em alguns níveis. Primeiro, como a reflexão que fiz com Jonas Valente sobre a necessidade de rebater um pouco essa visão que acaba se formando no mundo anglófono; de quando se fala de América Latina e tecnologia necessariamente tem a ver com colonialismo de dados. Temos procurado mostrar as tradições do pensamento social latino americano que comportam muitas perspectivas e uma delas é a teoria marxista da dependência. A segunda questão que tem me incomodado muito é como as pesquisas em plataformas têm sido pouco debatidas ou teorizadas. Fala-se nesses estudos que as pessoas, instituições e organizações têm dependência das plataformas ou têm dependência em relação à infraestrutura, mas não falam o que significa essa dependência ou como essa dependência, que muitas vezes acontece no micro do trabalho ou na micro organização, se relaciona à dependência no sentido macro.

Isso significa propor uma reflexão sobre a intensificação do capitalismo dependente de plataformas; também significa dizer que, especialmente na América Latina e no caso dos trabalhadores de dados, continuamos sendo matéria prima para as empresas líderes em inteligência artificial. Isto significa reafirmar nossa posição de dependência em um momento em que a soberania tem sido vendida como serviço pelas empresas de tecnologia como *Microsoft*, *Amazon*, *Google* - três empresas que lançaram o programa de soberania digital para vender soberania como serviço, sobretudo como serviço de infraestrutura de dados para governos que querem ser soberanos. Isso evidencia um deslocamento de sentidos em relação à própria expressão **soberania** e a necessidade também de recuperar o sentido popular da soberania, mas significa pensar a soberania numa chave dialética, quer dizer: como soberania se relaciona com dependência. Uma das chaves para pensar na rede global de produção de Inteligência Artificial é a teoria marxista da dependência.

Essa dependência precisa considerar inclusive os custos ambientais, tema que o nosso colega chileno, atualmente professor no *King's College*, Sebastian Wheeler fala da importância da água para os *datacenters* na América Latina e a água também como uma forma de resistência do povo chileno, especialmente no deserto do Atacama. Então, significa pensar, mais uma vez, através de teorias que achavam que tinham ido para o espaço, mas que não resolvemos questões, como a do imperialismo que sempre esteve aí; significa pensar em desenvolvimento desigual e combinado. Analisar através da teoria da dependência significa



também refletir sobre a dialética entre soberania e desenvolvimento neste contexto em que temos o capitalismo dependente das plataformas, dos dados e da Inteligência Artificial.

Agora falando do Projeto Fairwork que você citou na sua apresentação, quais são as principais considerações da pesquisa na América Latina?

A América Latina é a região pior avaliada em termos de trabalho decente na economia de plataformas em todo o mundo. Isso também mostra as questões de superexploração do trabalho e como isso acontece em nossa região. O *Fairwork* não apenas avalia as plataformas locais.

Por exemplo, tem o projeto *Fairwork Cloud Work*, que avalia plataformas *freelancers* e de trabalho de dados ao redor do mundo. E agora estamos com o *Fairwork IA* focado em *Business Process Outsourcing (BPO's)*, e sobre isso vamos conversar com algumas empresas na América Latina. Foi feito no Quênia e agora vamos partir para empresas que estão sendo selecionadas na região.

Há alguns destaques, como por exemplo, no Equador uma plataforma de cooperativa de trabalho doméstico ficou em primeiro lugar no ano passado com a nota máxima do Projeto. Contudo, a superexploração do trabalho é o traço mais importante a ser considerado.

O *Fairwork* é um projeto básico em termos de tentar pressionar pelo básico da dignidade humana no trabalho, mas nem isso estamos conseguindo.

Texto recebido em 21/08/2024 e aceito em 26/08/2024.

